

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.7. Set./Dez./2019 p.109-130

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Crianças, mídias e mediações

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Peer-to-peer curation in sharing online photos by children

Inês Sílvia Vitorino Sampaio
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Thinayna Mendonça Máximo
Universidade Federal do Ceará – UFC
Fortaleza- Ceará-Brasil

Resumo

Estar conectado aos pares e integrado à cultura digital, por meio das mídias móveis é, nos dias atuais, uma realidade na vida de milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo (MASCHERONI, CUMAN, 2014). Em 2014 e 2015, o Laboratório de Pesquisa da relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM) da Universidade Federal do Ceará, investigou a relação de crianças cearenses, entre 11 e 12 anos, com essas mídias buscando identificar como compreendiam as oportunidades e riscos de suas práticas *online*. Para tanto, foram realizados dois grupos focais com estudantes de escolas Pública e Privada de Fortaleza. Este artigo aborda a prática de *curadoria digital de pares* identificada nessa investigação. Trata-se de uma prática que vem ganhando relevo na cultura digital de crianças e adolescentes, como evidenciado em outros estudos do Laboratório (LANDIM, 2015; MÁXIMO, 2017).

Palavras-chave: criança, cultura de pares, redes sociais

Abstract

Being connected to peers and integrated with the digital culture through mobile media is currently a reality in the lives of millions of children and adolescents around the world. (MASCHERONI, CUMAN, 2014). In 2014 and 2015, the Research Laboratory of the Childhood, Youth and Media (LabGRIM) of the Federal University of Ceará investigated the relationship between children aged 11 - 12 years with these media, trying to identify how they understood the opportunities and risks of their online practices. For this purpose, two focus groups were conducted with students from the Public and Private schools of Fortaleza. This article addresses the practice of digital curation among peers identified in this research. It is a practice that has been gaining prominence in the digital culture of children and adolescents, as evidenced in other studies of the Laboratory (LANDIM, 2015; MÁXIMO, 2017).

Key-words: child, peer culture, social networks

Introdução

Estar conectado aos pares e integrado à cultura digital, por meio das mídias móveis, é, hoje, uma realidade na vida de milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo (MASCHERONI, CUMAN, 2014). No Brasil, as tendências à conectividade e à mobilidade também têm sido evidenciadas nas pesquisas do Núcleo Gestor da Internet no Brasil (CGI.Br), que desde 2012, têm ouvido crianças e adolescentes entre 09 e 16 anos na série *TIC Kids Online Brasil* (CGI.Br, 2018a).

A estimativa é a de que 85% das crianças e adolescentes brasileiros sejam usuários de internet. Além disso, 71% acessam a rede mais de uma vez ao dia e o fazem cada vez mais cedo. Para 11% delas, o primeiro acesso ocorre até os 06 anos de idade. São dados que atestam a capilaridade da prática de acesso às redes sociais por crianças brasileiras, em que pesem as graves desigualdades sociais e regionais que persistem, mantendo 4 milhões de crianças e adolescentes ainda desconectados (CGI, 2018a).

Este artigo se debruça sobre esse primeiro perfil de crianças usuárias da internet. Os dados atestam um fenômeno que qualquer leigo é capaz de identificar, a existência de um número crescente de crianças a portar, se entreter e se relacionar com os pares, por meio de dispositivos móveis, como *tablets* e celulares. Trata-se de uma modalidade de entretenimento já estabelecida no cotidiano de milhões de crianças, potencializando uma série de aprendizados em termos de conteúdos, habilidades e condutas, justificando, por isso mesmo, seu uso como dispositivo pedagógico nas Escolas (CGI, 2018b).

Parece ser razoável, portanto, que, frente ao crescimento e à importância desse fenômeno, observemos, com mais atenção, a participação das crianças na cultura digital. Em 2014 e 2015, o Laboratório de Pesquisa da relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM), da Universidade Federal do Ceará, investigou a relação de crianças cearenses, entre 11 e 12 anos, com os dispositivos móveis, buscando identificar como compreendiam as oportunidades e riscos de suas práticas *online*ⁱ.

Realizamos, à época, dois grupos focais com 28 estudantes (meninos e meninas) de escolas pública e privada de Fortaleza. Esta escolha se pautou pela preocupação em considerar as implicações dos diferentes perfis socioeconômicos na cultura digital dessas crianças. As escolas, por sua vez, foram selecionadas por critérios de conveniência, o que

facilitou o acesso aos estudantes e a disponibilização de horários para a realização de 8 grupos com duração média de duas horasⁱⁱ, de 13 de maio de 2014 a dezembro de 2015.

Este artigo aborda a prática de *curadoria digital de pares* no compartilhamento de fotos *online*, identificada nessa investigação, e que tem sido objeto da atenção do Laboratório nos estudos de Landim (2015) e de Máximo (2017). O termo curadoria, em sua origem, relaciona-se a um conceito vinculado à atuação de profissionais do campo das ciências da informação e da museologia, responsáveis pelo processo de preservação e arquivamento de repositórios institucionais, compreendendo “ações deliberadas que levam a manter e agregar valor a um corpo confiável de informações digitais para uso atual e futuro” (BALL, 2010, p.7). As pesquisas referidas ouviram respectivamente 10 adolescentes, de 14 a 17 anos, de uma Escola Particular e, mais próximo ao nosso interesse, em termos de grupo etário, 6 crianças, de 10 a 12 anos, frequentadoras de um Centro Social e moradoras da periferia de Fortaleza.

Se observarmos os dados nacionais acerca das atividades reportadas pelas crianças e adolescentes, elas estão vinculadas, de modo prevalente, à comunicação e ao entretenimento, destacando-se as de enviar mensagens instantâneas (79%), assistir a vídeos online (77%), ouvir música na internet (75%) e usar redes sociais (73%). Observando mais atentamente a participação deles na produção e no compartilhamento de conteúdos temos que 48% postou uma foto ou vídeo em que aparece; 46% postou texto, imagem ou vídeo; e 31% postou texto, imagem ou vídeo de autoria própria (CGI, 2018a). Tais atividades, envolvem, sobretudo, curtir, comentar, compartilhar e/ou postar fotos e/ou vídeos. Torna-se, assim, evidente, a relevância de se problematizar as oportunidades e os riscos embutidos na prática de curadoria de pares, que dá suporte a este processo de compartilhamento *online* da imagem infantil.

Afinal, ela tem um lugar destacado no entretenimento infantil, na construção da cultura de pares, na elaboração da auto-imagem em relação aos modelos corporais disponíveis, no trato ético com a imagem do outro, além dos aspectos de segurança que envolvem a exposição do corpo infantil, associadas às situações de *ciberbullying* (LEVY et al., 2012) e/ou sexualização (GUNTER, 2014). A consideração de dados qualitativos extraídos da audição das crianças cearenses colabora, ainda, para trazer vida aos dados estatísticos, permitindo explorar nuances das práticas infantis que, possivelmente, escapariam às abordagens quantitativas.

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Com esse objetivo, buscamos abordar neste artigo a seguinte questão: Como e com quais critérios as crianças definem suas práticas de compartilhamento *online* de fotos? Quais objetivos norteiam as postagens e a quais as oportunidades e os riscos dessa prática? Quais potencialidades e limites a curadoria de pares pode ter na proteção e na promoção da criança?

Para dar conta dessas questões nos apoiamos no referencial teórico-metodológico da Pesquisa *EU Kids Online* (LIVINGSTONE, HADDON, GORZIG, ÓLAFSSON, 2011), em especial, acerca da compreensão dos riscos e oportunidades na cultura digital. Trata-se de um enquadramento assumido também em outras investigações internacionais como *Net Children Go Mobile* (MASCHERONI, CUMAN, 2014) e o *Global Kids Online* (BYRNE, KARDEFELT-WINTHER, LIVINGSTONE, STOILOVA, 2016). Frente aos desafios contemporâneos enfrentados pelas crianças, consideramos importante resgatar algumas contribuições da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011), que compreendem sua condição de agente produtor de cultura, em especial, a referência ao conceito de cultura de pares como um espaço importante onde engendram, redefinem e moldam também a cultura digital (CORSARO, 2011; PASQUIER, 2008). É sob esse enfoque que exploramos de forma tentativa o uso do conceito de *curadoria digital de pares* para nomear as práticas identificadas nas investigações do LabGRIM já referidas.

Riscos e oportunidades na cultura digital

A rede *EU Kids Online*, desde 2006, vem produzindo dados sobre oportunidades, riscos e segurança online no uso que crianças europeias fazem da internet. Ao revelarem diferenças significativas nos modos como as crianças e adolescentes usam as tecnologias, tais estudos vão na contramão da noção de crianças como “nativos digitais” (PRENSKY, 2001), supostamente providos de habilidades inerentes para lidar com a internet e os dispositivos móveis.

A pesquisa considera que a relação de crianças e adolescentes com a internet é marcada por fatores culturais, socioeconômicos, educacionais e de infraestrutura tecnológica (LIVINGSTONE, MASCHERONI, STAKSRUD, 2015). Nesse sentido, o foco da discussão se desloca do suporte técnico, da tecnologia apenas, e centra-se nas transformações sociais, como os novos modelos familiares, as condições de trabalho, o consumo infanto-juvenil, a relação entre pares etc. Assim, os riscos e oportunidades também

são pensados de modo contextualizado, considerando a realidade vivenciada por crianças e adolescentes dentro e fora do ambiente *online*. Ou seja, os riscos e oportunidades *online* são compreendidos de maneira relacionada às oportunidades e riscos aos quais as crianças e adolescentes estão expostos também no ambiente *offline*.

Para avaliar os benefícios da internet para crianças e adolescentes, Livingstone e Helsper (2007) indicam uma correlação entre a quantidade de tempo de uso da rede e a abrangência de uso. Crianças e adolescentes que passam mais tempo na internet aproveitam mais as oportunidades do que aquelas que passam menos tempo, ainda que estejam também mais expostos aos riscos. Assim, a relação das crianças com internet proporciona diversas oportunidades, mas, igualmente riscos.

A pesquisa *EU Kids Online* identificou como oportunidades, entre outras, a participação e o envolvimento cívico, a criatividade e autoexpressão e o fortalecimento de relações sociais e identitárias. Essas oportunidades também possibilitam o desenvolvimento de literacia midiática que incentivam a autoaprendizagem e a quebra de barreiras formais e sociais (ESPANHA, 2012). Assim, além do desenvolvimento de autonomia e participação social, a literacia possibilita um uso mais consciente e reflexivo das mídias.

Como riscos, foram identificados os sexuais, como *sexting*ⁱⁱⁱ e pornografia, de contato com estranhos, *ciberbullying*, comerciais, uso excessivo e exposição de informação pessoal. Esses riscos trazem questões que já estavam presentes na agenda pública de vários países europeus, muitas vezes, fomentado pelo “pânico moral”. Para evitar o pânico geral, a pesquisa adotou uma concepção mais contextualizada e ponderada dos perigos digitais aos quais crianças e adolescentes estão expostos.

O conceito de risco é apresentado como uma situação problemática que tanto pode ser bem resolvida quanto pode resultar em um dano (LIVINGSTONE et al., 2011). Os estudos revelam que crianças que enfrentam perigos *online* não, necessariamente, experimentam efeitos negativos; pelo contrário, elas se mostraram mais hábeis para lidar com as situações *online* (LIVINGSTONE et al., 2011). Desse modo, observamos que as crianças podem desenvolver um conjunto de estratégias para se adaptarem a tais situações a fim de reduzir os possíveis danos emocionais e/o psicológicos.

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Para discutir como as crianças participam das redes sociais, vamos recuperar, no próximo tópico, as contribuições de Corsaro (2011) sobre a cultura de pares e sobre o modo como as crianças produzem e redefinem a cultura digital.

Cultura de Pares

Os estudos sociais da infância pensam as crianças como agentes sociais, produtoras de cultura na relação com os seus pares e com os adultos, reconhecendo a infância como uma categoria construída historicamente. Considerar a infância uma construção social e histórica e não universal e natural, mas formada por fatores sociais e culturais de várias sociedades, é uma das características chave do chamado novo paradigma da Sociologia da Infância (JAMES; PROUT, 1997). Os autores da Sociologia da Infância fazem uma crítica ao entendimento das crianças como sujeitos silenciosos, em condição de despreparo e inocência que dariam lugar a um adulto preparado. O que o novo paradigma propõe é a visão de que as crianças são agentes ativos do processo de socialização (JAMES; PROUT, 1997).

Nessa direção, Corsaro (2011) propõe uma discussão sobre as culturas infantis com o foco na cultura de pares. O autor utiliza o termo “pares” para se referir a um grupo de crianças, de idade próxima, que se reúnem diariamente e estão inseridas em um mesmo contexto e que compartilham atividades, como crianças da mesma turma da escola, por exemplo.

Desse modo, as crianças, na relação cotidiana, realizam atividades, rituais e rotinas culturais que as permitem compreenderem os elementos do mundo adulto, como os papéis sociais, as relações de poder e gênero etc. Como postula Corsaro, é por meio dessas interações presenciais que “as crianças produzem uma série de culturas locais que se integram e contribuem para as culturas mais amplas de outras crianças e adultos a cujo contexto elas estão integradas” (CORSARO, 2011, p.127).

Ao propor o conceito de reprodução interpretativa, o autor argumenta que a socialização de crianças não é somente um processo de adaptação, mas também de apropriação, interpretação e reprodução da realidade social. A reprodução interpretativa envolve três tipos de ações infantis: a) a apropriação de informações e conhecimentos oriundos do mundo adulto; b) a produção da cultura de pares e a participação na mesma; c) e a reprodução e ampliação da cultura dominante.

Apesar de focar sua análise nas crianças em idade pré-escolar, Corsaro também discute as culturas de pares pré-adolescentes. Para ele, assuntos “como aceitação, popularidade e solidariedade grupal” (CORSARO, 2011, p.215) se tornam elementos importantes para a manutenção dessa cultura. O autor argumenta que os pré-adolescentes desenvolvem conceitos de amizade mais estáveis e que reforçam seus conceitos sobre como os melhores amigos devem se comportar. Ao mesmo tempo em que procuram se aproximar de seus pares e garantir a manutenção da relação de amizade, também se distanciam e dos outros que não estão inseridos no grupo social (CORSARO, 2011). Em geral, esse é um período em que a criança se esforça para adquirir identidades estáveis e maior autonomia em relação aos adultos.

Esses elementos se tornam visíveis na interação dos pré-adolescentes, seja ela no ambiente *online* ou *off-line*. Ao compartilharem suas experiências nas redes sociais, as crianças também estão aprendendo e produzindo significado dentro da cultura de pares. De acordo com Belloni (2013), as redes sociais são, na atualidade, um dos instrumentos mais poderosos de formação de uma cultura de pares *online*. Com o aumento do acesso à internet por crianças e adolescentes, as redes sociais se tornaram novos espaços culturais, em que novas formas de relações sociais são estabelecidas. A autora considera que as redes sociais são hoje uma espécie de “*playground online*”, onde as crianças passam grande parte do seu tempo livre.

Danah Boyd (2014), em seu estudo sobre o uso de redes sociais por adolescentes norte-americanos, pontua que com essas plataformas tornou-se mais fácil acompanhar o que os amigos compartilham sobre o cotidiano e essa exposição pode contribuir para a manutenção da relação entre os pares (BOYD, 2014). Desse modo, podemos inferir que as interações presenciais cotidianas, mencionadas por Corsaro (2011), têm sido fomentadas, reforçadas e, em alguns momentos, substituídas pelas interações mediadas pelas mídias.

No próximo tópico abordaremos como a cultura de pares é acionada na curadoria digital de crianças e adolescentes. Por meio dessa curadoria, elementos importantes para a manutenção de laços sociais, como a aceitação e participação no grupo, são estimulados e preservados.

Curadoria digital

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Em um ecossistema comunicacional complexo como a internet, crianças e adolescentes se deparam com um conjunto de desafios para lidar com um volume crescente de dados, originários de diferentes tipos de fontes, acessíveis por meio de plataformas e dispositivos específicos e integrados a circuitos comunicacionais com suas próprias lógicas e interesses.

Buscando compreender as ações envolvidas nos processos de seleção, classificação, organização e compartilhamento de dados na rede, alguns pesquisadores têm recorrido ao conceito de *curadoria digital* para nomear esse tipo de prática.

Prevê, portanto, em sua própria configuração, a acessibilidade e a possibilidade de manejo deste acervo pelo público. O termo também foi ressignificado nos estudos da comunicação e da educação. Isto porque no contexto da cultura digital, em que a noção de participação integra a lógica do ecossistema comunicacional (JENKINS, 2019), cabe ao usuário, diante de um volume grande de informações multimodais, atuar como um curador e escolher o que lhe convém como conteúdo relevante.

Assim, inspirados nesse modelo da curadoria profissional, o termo curadoria digital “evoluiu para ser aplicado ao que todos nós estamos fazendo online”, uma necessidade associada ao crescimento e à disseminação da informação e de conteúdos na internet (COHEN; MIHAILIDIS, 2013, p.3). Neste cenário, parcela expressiva do processo de preservação e de organização dos conteúdos *online* recai sobre os próprios internautas. Daí a necessidade de “entender como os indivíduos escolhem reunir, filtrar, organizar e apresentar informações dentro desses espaços” (COHEN; MIHAILIDIS, 2013, p.3).

Potter (2010, p.22) já havia reconhecido o amplo alcance deste tipo de prática, identificando-a metaforicamente como uma espécie de “curadoria da própria vida das crianças no uso de ferramentas de edição multimodal para a organização intertextual dos ativos de mídia digital e sua posterior exposição a grupos de pares e além”. Como veremos no tópico de análise, a exposição ao grupo de pares ou, pelo menos, a uma parte seleta deste, pode também anteceder à exposição que é feita de forma mais ampla. Vale ressaltar, ainda, que essa curadoria amadora mediada pelos pares e/ou adultos com os quais as crianças interagem, nem sempre remete a um acervo específico,

podendo incidir sobre materiais dispersos, fragmentados, envolvendo temas os mais diversos.

Ao exercitar a curadoria entre pares, o que se busca, como observa Shirky (2010 apud COHEN; MIHAILIDIS, 2013, p. 03) é estar conectado aos outros, o que é favorecido pelo ambiente das redes sociais. O desejo de estar conectado com outras pessoas é acrescido do desejo de aprovação, especialmente por se tratar de crianças e adolescentes, entre 11 e 12 anos, que estão vivenciando a percepção de si próprios, o auto-conhecimento acerca da sua aparência física e aceitabilidade social (FARIA, 2005).

Em seu estudo sobre a curadoria digital, pensada sobre a ótica do ensino e aprendizagem, Deschaine e Sharma (2015, p.21) postulam que ela inclui cinco fases ou "5Cs" implicados no ato de "coleccionar, categorizar, criticar, conceptualizar e circular". Trata-se, portanto, de uma competência chave no processo de aprendizagem que envolve a pesquisa, a seleção e a compilação de conteúdos, a interpretação do conteúdo individual, a interpretação do conteúdo em seu conjunto, a organização e a narração (WOLFF; MULHOLLAND, 2013).

Em que pese a importância crescente da questão da curadoria digital, a pesquisa acerca das competências de crianças e adolescentes para desenvolvê-las não tem merecido a devida atenção (MIHAILIDIS, 2015). Vista como "um recurso pedagógico, orientado para o estudante e para a criação, visando ao aprimoramento da educação em literacia midiática e digital", ela incluiria seis tópicos-chave:

1. "Onde o movimento de cima para baixo e de baixo para cima se encontram^{iv}";
2. "Integrando mídias, mensagens e plataformas";
3. "Fontes, vozes e credibilidade *on-line*";
4. "Enquadramento, preconceito, agenda e perspectiva";
5. "Apreciando a diversidade; e Capacitar os valores cívicos e as vozes cívicas" (COHEN;MIHAILIDIS, 2013, p. 8-14).

É com base nessa visão ampla do processo de curadoria digital que abordaremos a curadoria digital de pares. Acreditamos que a reflexão proposta neste artigo acerca da curadoria digital de fotos *on-line*, construída no âmbito dessa cultura de pares, pode ser um caminho potente para problematizar oportunidades e riscos no manejo de dados, em especial, de imagens de si, dos amigos e/ou familiares, por crianças e adolescentes.

Cultura digital entre pares: o que dizem os dados da pesquisa

Entre conexões: estar em rede como um passatempo

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

As vinte e oito crianças ouvidas na pesquisa do LabGRIM, nas Escolas Públicas e Privadas de Fortaleza, revelaram estar em sintonia com as tendências nacionais no sentido da conectividade. O fenômeno da convergência midiática (JENKINS, 2009) - textos, fotos, vídeos, música – em um só dispositivo, associado à ampliação do acesso à internet, vem contribuindo para a midiaticização^v de suas rotinas cotidianas e a intensificação desse tipo de comunicação mediada com os pares. Antes vistas apenas como ordinárias, tais rotinas se transmutam para serem exibidas em postagens e assim, curtidas e compartilhadas.

Algumas crianças que participaram dos grupos focais mencionaram estar conectadas à internet como algo naturalizado e incorporado às suas práticas cotidianas – já não se entra, se está na internet, como se não houvesse mais fronteira entre estar *online* e *offline*, condição facilitada, certamente, pela ampliação dos serviços de banda larga móvel, mas especialmente proporcionada pela alteração na forma de se relacionar com as mídias, como alertava Jenkins (2009). A forte relação das crianças com as redes sociais, em suas diferentes configurações se evidenciou em todos os grupos.

Mediador(a): O que vocês ficam fazendo quando estão muito tempo olhando no celular?

Joaquina^{vi}: Olhando o face.

Raiane: Conversando.

Mediador(a): Nas redes sociais?

Todas: é.

Mediador (a): Quais redes sociais vocês têm?

Karine: Whatsapp e Facebook. [...]

Joaquina: Facebook, Whatsapp, Twitter e Instagram. (Escola pública, BR)

O depoimento acima é ilustrativo ainda de uma prática que se caracteriza como sendo prevalente entre as meninas: maior frequência de acesso às redes sociais e aos aplicativos de troca de mensagens. No caso dos meninos, as referências à conexão vinculada aos jogos sobressaíram. Enquanto elas reconhecem a preferência por ficar "olhando o face" e "conversando", eles jogam.

O estado de conexão permanente, reportado pelas crianças, interfere também nos momentos de encontro presencial entre elas. Se a conexão favorece a ubiquidade (SANTAELLA, 2013), prolongando os momentos presenciais, a presença dos dispositivos móveis implica em práticas individualizadas, que podem ocorrer até mesmo em momentos de coletividade.

Madeleine: No meu aniversário eu tava com meus amigos e tal, aí tenho três amigas minha que elas subiram lá pro meu quarto e ficaram conversando e eu acho que elas ficaram conversando entre elas no Whatsapp, não sei. Aí elas passaram boa parte da festa de aniversário lá em cima e tal e quando eu chamei elas: “Não, quero ficar aqui, vem pra cá” E eu não ia deixar a festa lá em baixo pra ficar lá em cima com elas.

Clarissa: Ah, a festa tava legal e tal, só que a gente não nada tinha pra fazer. A gente não queria ficar na piscina, aí a gente queria fazer o que?

Yohana: Porque assim, nós temos vários meios de comunicação agora pra falar com os amigos e tal, postar foto. Então mudou porque antigamente a gente passava maioria do tempo da gente brincando, estudando, fazendo nada, dormindo. Aí mudou porque é mais um passatempo né pra gente fazer. Mas também tem a questão dos riscos, têm os benefícios. (Escola particular, BR)

Ana: As meninas hoje em dia estão perdendo a infância. As pivetas descem e ficam tudo no celular. Quando eu tava malhando embaixo do meu prédio, tava vendo. Elas tudo descem e ficam no WhatsApp. Tão perdendo a infância, deixam de aproveitar (LANDIM, 2015).

Temos no depoimento crianças que reconhecem "não ter o que fazer" numa festa com a presença de amigos tendo à sua disposição uma piscina para brincar. O celular as atrai mais. A conexão mediada com os amigos torna-se mais atraente como "passatempo". O estudo de Landim (2015), também traz dados sobre esse uso individualizado dos celulares, em contexto de convivência coletiva, assinalado inclusive como um uso excessivo. Ana tece comentários críticos acerca desse tipo de uso dos dispositivos por crianças, mas não considera que os adolescentes também estão engajados nas mesmas práticas.

Chama atenção, ainda, a referência imediata que a menina Yohana faz entre os "vários meios de comunicação" e o ato de "postar foto". No depoimento, eles aparecem quase como uma prática equivalente, mutuamente imbricada. Temos aqui já a primeira pista da importância da questão da imagem nessas interações. Pouco a pouco, vamos desvendando, os critérios que norteiam as crianças na definição de quais imagens merecem ser vistas, curtidas, postadas e/ou compartilhadas, ou numa outra linha, quais são escondidas, deletadas, ignoradas. Esta é a reflexão que iniciaremos no próximo tópico, já com o foco na questão da fotografia, sobre a qual recai o nosso interesse nesta reflexão.

Publicação de fotos on-line: diferenças de gênero e preocupação com o corpo

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Os grupos focais revelaram que as meninas têm maior preocupação com as fotos publicadas e demonstram estarem especialmente apreensivas em relação ao próprio corpo. É comum que a publicação de suas imagens, estando sós ou entre amigos, conte com a aprovação prévia dos pares, a quem solicitam ‘ajuda’ adicional para tomarem a decisão pelo compartilhamento, estabelecendo uma solidariedade grupal (CORSARO, 2011). Pelos depoimentos, percebe-se que estão atentas com a repercussão das fotos – se tiveram curtidas e quais comentários foram feitos. Algumas citaram comentários e ‘apelidos’ publicados nas redes e que geraram incômodo, predominantemente relacionados ao corpo, tais como “gorda” e “feia”.

No estudo *TIC Kids Online Brasil - Portugal*^{vii}, alguns meninos demonstraram estar menos atentos ao compartilhamento de imagens de si. Mencionaram que têm hábito de compartilhar menos fotos que as meninas e demonstraram menos preocupação com a repercussão desse tipo de imagem. Diferentemente das meninas, cujos comentários, referiram-se, de modo prevalente, à questão corporal, os comentários feitos às fotos publicadas pelos meninos ou os apelidos que sobressaíram em suas brincadeiras, referiram-se, comumente, a aspectos intelectuais e cognitivos, como "nerd". Com exceção de um dos meninos que mencionou ter recebido, em uma postagem, comentários relacionados à sexualidade.

A busca de aceitação, elemento importante para a manutenção de laços na cultura de pares (CORSARO, 2011), é uma característica relacionada à autoestima de meninas e meninos, desde a infância, o que contribui para o comportamento revelado pelos grupos focais. Em uma sociedade patriarcal, essa demanda recai, de modo prevalente, sobre as meninas, a quem cabe, historicamente atender ao imperativo do corpo perfeito. Elas aprendem muito cedo como essa demanda reverbera na cultura digital, exigindo delas a criação de estratégias para lidarem com possíveis situações de desconforto e/ou constrangimento. Dentre os critérios que orientam suas postagens de foto, o fator beleza se destaca claramente tanto na pesquisa com crianças, quanto com os adolescentes.

Joaquina: Vai no whatsapp, manda e pergunta qual a mais bonita

Raiane: A que tiver mais defeito, não posta.

Mediadora: Quer dizer que, pra vocês, Facebook é lugar pra botar foto só de coisa bonita, é?

Raiane: é, porque dizem “mulher tá tão estranho teu rosto” (Escola pública, BR)

Beatriz: [...]Tenho cuidado para só postar foto em que estou bem vestida como a maioria dos jovens que tenho contato. (LANDIM, 2015)

Critério posto e assimilado, elas cooperam entre si para coletivamente se protegerem nesse processo de curadoria que envolve, no processo de postagem, a seleção, a interpretação (em termos individuais e de conjunto) e em termos de compartilhamento, algum nível de organização dessa imagem no aplicativo em uso e de narração de si nesse processo, atendendo, assim, a maior parte dos critérios para qualificar essa atividade como curadoria digital (WOLFF; MULHOLLAND, 2013; COHEN; MIHAILIDIS, 2013).

A busca por reconhecimento e por aprovação também foi identificada na investigação de Máximo (2017), reforçando a prática já referida, de publicar imagens selecionadas a partir de consulta prévia aos pares ou familiares. Nestes casos, o grupo de pares além de ser essa instância posterior na qual se exhibe o que foi objeto da curadoria da vida das crianças (POTTER, 2010), ele ou ao menos parte dele, é também uma instância prévia na qual esta própria curadoria é feita entre pares e não apenas de modo individual.

Mediadora: Quando vocês vão postar uma foto, pedem opinião de alguém?

Gabi: eu peço às vezes, das minhas amigas ou da minha irmã

Cauê: eu peço da minha mãe e do meu amigo.

Mediadora: Por que vocês pedem ajuda?

Gabi: porque como eu tiro várias fica muito difícil escolher qual tá melhor.

Cauê: é, qual tá mais bonita.

Melody: peço pra minhas amigas, pra ver se tá bonita.

O depoimento de Gabi é revelador da dificuldade de proceder a escolha das fotos a serem postadas. O critério norteador, contudo, é claro: a foto tem que ser bonita. A necessidade do reconhecimento pelo outro, que nas redes sociais se traduz em curtidas e compartilhamentos, deve-se, segundo Faria (2005), ao fato de que “o domínio físico tem um papel importante, desde a infância, no ajustamento psicossocial do indivíduo” (p.363). “As crianças recebem desde muito cedo *feedback* directo e indirecto acerca da sua atractividade física, da sua condição física, do seu peso, da sua altura e da forma como se vestem ou se apresentam”, explica Faria (Idem), ao justificar que a aparência

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

física se constitui como um aspecto importante para a autoestima global de meninos e meninas. A pressão, contudo, recai, de modo prevalente, sobre as meninas.

Na pesquisa *Adolescência como público-alvo: o discurso da publicidade de produtos teens na categoria higiene e beleza*, Freitas (2012) identifica que a publicidade contribui para forjar um modelo de beleza feminino, naturalizado como ideal a ser perseguido.

O estudo indica ainda que a imagem de “mulher ideal” determinada pela publicidade está organizada tendo por base três elementos principais: pele de cor branca, silhueta alongada e esguia e cabelos lisos. Coincidência ou não, a naturalização estimulada pela publicidade em torno da centralidade da beleza na constituição da identidade feminina se revela na assunção do critério de beleza como elemento central na postagem de fotos, uma beleza que exclui os corpos “fora do padrão”: “gordos” “feios”, “mal feitos”, “obesa”, “flácidos”, “com celulite”. A dificuldade de lidar com as diferenças termina por favorecer o *ciberbullying*, como abordaremos no próximo tópico.

O exercício de curadoria digital como estratégia para evitar o ciberbullying

Em certas situações, o ambiente da internet pode se mostrar propício a um comportamento nocivo, que se caracteriza, segundo Levy et al (2012) por uma forma de “agressão de caráter intencional; que apresenta desequilíbrio de poder entre agressor (que pode ser individual ou um grupo) e vítima; e que tem natureza repetitiva, o *ciberbullying*” (SAMPAIO, 2017, p.37). O estudo *TIC Kids Online Brasil 2017* (CGI, 2018a) mostra que cerca de 24% das meninas relataram que já foram tratadas de forma ofensiva na internet, enquanto o percentual de meninos fica em 20%. Ou seja, as garotas estão mais vulneráveis aos ataques e xingamentos virtuais, por isso é compreensível que o exercício da curadoria digital de fotos para publicação *online* seja mais intenso entre elas.

Estar fora do padrão corporal estabelecido, conforme citado no tópico anterior, pode implicar uma visibilidade incômoda, especialmente para as meninas, que passam a ser alvo de julgamentos ofensivos. Tais comentários contribuem para uma repercussão negativa da imagem de si mesmas. Exercitar a curadoria digital pode significar, então, uma forma de proteção, de modo evitar a hostilização pública nas redes sociais.

Clarissa: Ah, periguete, gorda, obesa, essas coisas. (Escola particular, BR)

Emília: Tipo assim, quando eu posto uma foto aí falam: “Oh menina feia”. (Escola pública, BR)

Clarissa: Aí eu postei e eu tava tipo que... eu tava com uma roupa que eu tinha acabado de comprar e aí eu tava meio que... gorda, mais ou menos assim. Aí a minha amiga falou assim: “olha que obesa essa meninazinha”, não sei o que... Aí eu fui lá e apaguei o comentário depois. (Escola particular, BR)

A pesquisa de Máximo (2017) revelou também situações em que a publicação de imagens, ainda que seguida de comentário elogioso, pode criar situações de constrangimento para as meninas. Ao corpo feminino, desde a infância, pode ser atribuída uma valoração de caráter sexual também nas redes sociais.

Gabi: comenta “muito linda”. Uma vez um cara postou assim... eu tenho até vergonha de dizer... ele disse assim “essa aí deve ser muito boa de cama”.

Mediadora: E como tu se sentiu com esse comentário?

Gabi: eu me senti mal. Porque isso é muito feio.

Mediadora: E tu fez o que?

Gabi: Eu apaguei o comentário dele. Mas assim, quando a gente vai no perfil de uma pessoa, a gente tem a opção de curtir e de comentar, só não tem de compartilhar. Eu acho isso errado, não era pra ter nenhuma.

Gabi explicita o incômodo com o comentário, que fez com se sentisse mal e ainda com o fato da interface da rede social permitir que qualquer pessoa possa expressar opiniões no perfil de outra, considerada por ela uma atitude, de certa forma, invasiva^{viii}. A exclusão dos comentários, nos dois casos, foi o último recurso encontrado pelas meninas, diante da condenação pública. A atitude pode ser entendida como um exercício de afirmação de autonomia (CORSARO, 2011).

O número de curtidas como indicador de popularidade

A presença nas redes sociais gera um desejo de visibilidade e popularidade, o que por sua vez, faz com que as crianças e adolescentes aspirem ampliar a sua rede de contatos através de mais e mais seguidores e de likes. Movidos pelo desejo de aceitação e de maior aproximação entre seus pares (CORSARO, 2011), como já referido, as crianças ouvidas pelo estudo consideram o número de curtidas como sendo um indicador de popularidade, revelando ainda que há estratégias para conseguir mais curtidas, incluindo a compra de likes.

Mediadora: Vocês se preocupam com a quantidade de curtidas?

Raiane: As pessoas se baseiam no quanto as outras são bonitas pelas curtidas.

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Raiane: Tem uma pessoa que eu conheço que compra curtida.

Mediadora: E porque é importante ter muita curtida?

Raiane: Pra ficar passando na cara dos outros.

Emília: Pra ser famosa.

Joaquina: Famosinha do Facebook.

Melinda: Uma menina no Face do meu irmão botou assim: quem curtir mais fotos minhas vai ficar comigo.

Augusta: Tem uma menina que bateu foto de calcinha e sutiã no perfil. De biquíni eu entendo, minha foto de perfil é de biquíni, mas de calcinha e sutiã... aí a foto dela foi pra 900, 1000 curtida. (Escola pública, BR)

O estudo de Landim (2015) com adolescentes também revela que a interação nas redes sociais visa a aceitação que é expressada por meio das curtidas, marcações, comentários e compartilhamentos. Tais ações interferem na maneira como crianças e adolescentes se relacionam e no modo como estabelecem a visão de si mesmos.

Ana: Se não tenho curtida, não tem problema, vou lá e apago (risos).

Geralmente as minhas fotos têm muita curtida. Quando vejo que não faz muito sucesso, eu olho e penso: “Porque postei isso? Nem gostei dessa foto”.

Na investigação de Máximo (2017) as meninas comentaram que a curadoria de determinado tipo de foto – de biquíni, de corpo todo, praticando esportes, de roupa nova e ainda em “poses” e “expressões de blogueiras” - pode alavancar mais curtidas. Tais observações são reveladoras de estratégias de construção de uma imagem de si que dialoga com padrões hegemônicos da cultura midiática.. “Os gestos cotidianos mais insignificantes revelam certo parentesco com as cenas dos videocliques e das publicidades. Ou pelo menos nelas se inspiram...” (SIBÍLIA, 2008, p.49).

Quais são os tipos de fotos que vocês acham que têm mais curtidas?

Lis: É foto bonita na praia.

Melody: Foto que não olha pra câmera.

Lis: De blogueira (risos).

Melody: Tem um bocado de curtidas.

Mediadora: E por quê?

Lis: Porque é bonita, tia (risos)

Melody: é, porque fica legal.

Mediadora: Quais outras fotos têm muitas curtidas?

Melody: foto fazendo esportes, andando de skate. Eu vi uma foto de uma menina sentada no chão com o skate olhando pra cima. A foto dela teve umas 100 curtidas.

Lis: Mas se ela fosse feia ninguém curtia (risos)

Melody: Eu tiro foto de perfil quando eu tenho roupa nova, bem bonita.

O apelo por conseguir mais curtidas passa pela exposição corporal das meninas, como comentado por Augusta, ao mencionar a estratégia de uma garota de publicar a foto de calcinha e sutiã, fato que teria ampliado o número de *likes*. O desejo de visibilidade - não basta “ser mais uma na multidão” do ambiente virtual - faz com que Ana, por exemplo, apague postagens em que não consegue um número de curtidas considerado razoável. Tais situações são ainda reveladoras de que as meninas, de modo geral, ao publicarem nos seus perfis nas redes sociais, estão mais sujeitas à mediação e à pressão dos colegas (MASCHERONI et al 2015).

Considerações Finais

Conectadas, as crianças cearenses ouvidas na pesquisa, manifestaram interesse e disposição para discutir suas práticas *online*, revelando a importância dos dispositivos móveis em suas vidas cotidianas. Estar *online* e *offline* não parece ser mais uma questão associada a estar em situação presencial ou à distância. Mesmo em situações em que estão reunidas presencialmente, ou seja, de “convívio” coletivo, as redes as atraem. Aparecem como um de seus “passatempos” preferenciais.

Inseridos numa sociedade em rede, é, sobretudo, entre pares, que eles aprendem a reconhecer o lugar central que tais dispositivos têm em suas vidas. Estar em rede é um exercício cotidiano de descoberta de si, do outro e do próprio mundo em que vivem, que é capaz de lhe propiciar momentos de prazer e alegria, mas também de desconforto e/ou constrangimento.

Revelam-se agentes ativos da construção dessa cultura digital, na qual atuam como indivíduo e em seus grupos de pares atualizando as orientações de pais, professores, especialistas sobre o uso das redes sociais – *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e outros. Tecem suas próprias estratégias de proteção contra danos (LIVINGSTONE et al., 2011), como na curadoria digital de pares, apresentada neste artigo.

Como aprendizes da cultura societária na qual se inserem, não tiveram dificuldade de compreender a centralidade dos padrões de beleza hegemônicos na cultura brasileira e sentir sua incidência no disciplinamento dos corpos. Ao selecionarem fotos de si e dos amigos, o critério da beleza sobressai, especialmente entre meninas.

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

Meninos e meninas procuram ser aceitos e alcançar popularidade, o que se traduz em curtidas e compartilhamentos. Evitam postar e questionam até mesmo suas percepções estéticas, ao publicarem uma foto que não foi curtida ou que tenha sido objeto de algum comentário negativo. Escondem o “feio”, ou o que isso possa significar para eles. Excluem fotos e comentários que possam suscitar dúvidas quanto ao gênero, ou até mesmo, deixam de postá-las, revelando que o risco de *ciberbullying* (LEVY et al., 2012), com implicações na restrição à liberdade de expressão de meninas e meninos, em algumas dessas situações, se transformou em dano.

A curadoria de pares das imagens que constroem narrativas de si e dos amigos na rede surge, nesse contexto complexo e desafiador da internet, como uma estratégia para se proteger do risco de *ciberbullying*. Retomando pistas traçadas na literatura (MIHAILIDIS, 2015; WOLFF; MULHOLLAND, 2013), concluímos sinalizando a importância de maior atenção à curadoria digital de pares nas pesquisas com crianças e adolescentes e a oportunidade de abordá-la em processos formativos na escola, pois ao fazer curadoria digital, crianças e adolescentes aprendem a pesquisar, selecionar, interpretar, organizar e narrar, sem dúvida, uma oportunidade ímpar de aprendizado. Nesse processo, portanto, desenvolvem a literacia midiática que contribui para o uso reflexivo das mídias digitais.

Referências

BALL, Alexander. **Review of the State of the Art of the Digital Curation of Research**. Bath: University of Bath. 2010.

BELLONI, Maria Luiza. Infância e internet: a perspectiva da mídiáeducação. In: BARBOSA, Alexandre F. et al. **TIC Kids online Brasil 2012**. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê gestor da Internet no Brasil, v. 330, 2013.

BYRNE, J., KARDEFELT-WINTHER, D., LIVINGSTONE, S., STOILOVA, M. **Global Kids Online research synthesis, 2015–2016**. UNICEF Office of Research–Innocenti and London School of Economics and Political Science, 2016. Disponível em: www.globalkidsonline.net/synthesis. Acesso em: 10 de mai. de 2019.

BOYD, Danah. **It's Complicated: the social lives of networked teens**. Yale University Press, 2014.

COHEN, James N. MA; MIHAILIDIS, Paul. **Exploring Curation as a core competency in digital and media literacy education**. Faculty Works: Digital Humanities & New Media. 2013. Disponível em: <https://digitalcommons.molloy.edu/dhnm_fac/4>. Acesso em 04 mar. 2019.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2a. Edição ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.Br. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2017/** / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo: CGI.br. 2018a

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.Br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras : TIC educação 2017/** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo : Comitê Gestor 2018b

DESCHAINED, Mark E., SHARMA, Sue Ann. The Five Cs of Digital Curation: supporting Twenty- First-Century Teaching and Learning. In **Sight: a Journal of Scholarly Teaching**, Parkville, Missouri, USA, vol. 10, p. 19-24, 2015.

DURRANT, Abigail., FROHLICH, David., SELLEN, Abigail., LYONS, Evanthia. **Home curation versus teenage photography**: photo displays in the family home. In *IJHCS*, vol. 67, n. 2, p. 1005-1023, 2009.

ESPANHA, Rita. A cultura do quarto e o uso excessivo da internet. Resultados nacionais do inquérito EU Kids Online. In: PONTE, C.; SIMÕES, J. **Crianças e Internet em Portugal. acessos, usos, riscos, mediações** - resultados do inquérito europeu EUKIDS online. Coimbra, Minerva Coimbra. 164 p, 2012.

FARIA, Luísa. Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 23, n. 4, p. 361-371, out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a01.pdf>>. Acesso em 04 ma. 2019

FREITAS, Tércia A. **Adolescência como público-alvo**: o discurso da publicidade de produtos teens na categoria higiene e beleza. 2012.196f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídia-tização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.23. , n.2 (2016). Acesso: 29 Nov de 2019. Link DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253>

GUNTER, Barrie. **Media and the sexualization of Childhood**. New York: Routledge, 2014

JAMES, Alisson.; PROUT, Alan. A new paradigm for the sociology of childhood? provenance, promise and problems. In: JAMES, A.; PROUT, A. **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer, 1997.

Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. São Paulo: Aleph, 2009.

LANDIM, Ilana Camurça. **A construção das imagens de si por adolescentes em redes sociais**. 164f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2015.

LEVY, Nathaniel, CORTESI, Sandra, GASSER, Urs, CROWLEY, Edward., BEATON, Meredith, CASEY, June, & NOLAN, Caroline. Bullying in a networked era: a literature review. **Berkman Center Research Publication**, n. 17, 2012.

LIVINGSTONE, Sonia e HELSPER, Ellen J. *Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide*. **New Media & Society**, vol.9, p. 671-696, 2007.

LIVINGSTONE, Sonia., HADDON, Leslie., Görzig, Anke. and Ólafsson, Kjartan. **Risks and safety on the internet: the perspective of European children**. London: EU Kids Online, LSE, 2011. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/33731/> Acesso em: 15 jan. 2019

LIVINGSTONE, Sonia; MASCHERONI, Giovanna; STAKSRUD, Elisabeth. **Developing a framework for researching children's online risks and opportunities in Europe**. London: EU Kids Online, LSE, 2015.

MASCHERONI, Giovanna.; CUMAN, Andrea. **Net Children Go Mobile: Final Report**. Milano: Educatt, 2014.

_____. Vincent, Jane and Jimenez, Estefanía. *Girls are addicted to likes so they post semi-naked selfies”: peer mediation, normativity and the construction of identity online*. **Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**, 9 (1). p. 5, 2015.

MÁXIMO, Thinayna Mendonça. **Público ou privado? A compreensão de crianças cearenses sobre privacidade online**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Linguagens) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza -CE, 2017.

MIHAILIDIS, Paul. Digital curation and digital literacy: Evaluating the role of curation in developing critical literacies for participation in digital culture. **E-learning and Digital Media**, Thousand Oaks, California, USA, vol. 12, n. 5-6, p. 443-458, 2015.

PASQUIER, Dominique. From Parental Control to Peer Culture. Cultural Transmission and Conformism. In: Drotner, Kirsten & Livingstone, Sonia. **The International Handbook of Children, Media and Culture**. London, SAGE, 2008.

POTTER, John. Embodied Memory and Curatorship in Children's Digital Video Production. **Journal of English Teaching: Practice and Critique**, vol. 9, n.1, 2010.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants, On The Horizon**. NCB University Press, vol. 9, n°. 5, 2001.

SAMPAIO, Inês; PONTE, Cristina. **Relatório de Pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal** - Relatório Técnico de Pesquisa relativo ao Financiamento do CNPq – Edital 43/2013, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328963769_TIC_Kids_Online_Brasil_Portugal Acesso em: 29 nov 2019

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior**, Campinas, UNICAMP, 4 abr. 2013. Especial: As novas mídias e o ensino superior. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf.> Acesso em 01 mar.2019

WOLFF, Annika; MULHOLLAND, Paul. Curation, curation, curation. In: **Proceedings of the 3rd Narrative and Hypertext Workshop**. ACM, p.1, 2013.

Notas

ⁱ Os procedimentos metodológicos e os resultados desta pesquisa, atinentes aos Grupos Focais realizados em Fortaleza, em seu conjunto, estão detalhados em VITORINO SAMPAIO, Inês et al.. Relatório de Pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal. A pesquisa contou com financiamento do CNPq e da Funcap.

ⁱⁱ Os depoimentos dos grupos focais foram gravados, mediante o consentimento dos participantes e seus pais. A pesquisa se pautou pelas diretrizes e normas que regulamentam as pesquisas com seres humanos no país (BRASIL, 1996), orientando-se, ainda, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

ⁱⁱⁱ Amálgama de “sexo” e “mensagens de texto” tem sido definido como à troca de conteúdo sexual (texto, imagem, vídeo) predominantemente por meio de telefones celulares.

^{iv} O autor refere-se ao encontro de conteúdos produzidos por instituições de comunicação e imprensa estabelecidas e em plataformas sociais. A expressão literal utilizada pelo autor é *Where top down and bottom up meet*.

^v "conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as interrelações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural" (GOMES, 2016, p.1).

^{vi} Todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios.

^{vii} SAMPAIO, Inês; PONTE, Cristina. Relatório de Pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal - Relatório Técnico de Pesquisa relativo ao Financiamento do CNPq – Edital 43/2013, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328963769_TIC_Kids_Online_Brasil_Portugal Acesso em: 29 nov 2019

^{viii} O relato de Gabi revela que a menina desconhece as possibilidades de configurações de privacidade do perfil da rede social que restringem o comentário de pessoas de fora da lista de contatos.

Sobre as autoras

Inês Sílvia Vitorino Sampaio

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP) e Universität Münster, Alemanha.
E-mail: inesvict@gmail.com Orcid: 0000-0001-7507-4053

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Jornalista, Docente do Curso Sistemas e Mídias Digitais e do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará. Mestre e Doutora em Educação (UFC). E-mail: andrea@virtual.ufc.br Orcid: 0000-0002-1028-5199

Thinayna Mendonça Máximo

Jornalista, Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro do Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LABGRIM).
E-mail: thinayna@gmail.com Orcid: 0000-0001-8023-9078

Recebido em: 03/10/2019

Aceito para publicação em: 24/10/2019